

AVALIAÇÃO DE UM CURSO DE ARTE-EDUCAÇÃO

Josemeire Medeiros Silveira de Melo

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a avaliação de um curso de Arte-Educação realizado no ano de 1988, em Caucaia-CE, através do Pró-Docente Rural (projeto de extensão da UFC) para professores primários desta cidade.

O que se pretende é analisar a importância da Arte-Educação: a) na formação do professor de 1.º grau menor e na sua contribuição no processo de ensino-aprendizagem; b) no desenvolvimento de potencialidades artísticas e c) no conhecimento do eu-com-os-outros-no-mundo. Respectivamente: Arte como estratégia pedagógica, Arte como forma artística e Arte como processo vital.

A fim de atingir estes objetivos, o trabalho é apresentado em quatro momentos, a saber: 1) estudo teórico da educação e a inserção da arte no processo educativo; 2) descrição do projeto Pró-Docente Rural; 3) avaliação do curso de Arte-Educação e 4) conclusões e sugestões para aprofundamento do estudo.

O curso de Arte-Educação não pretendeu formar artistas, mas denunciar, através da arte, o processo de ensino-aprendizagem centrado somente no aspecto cognitivo do educando e, ao mesmo tempo, propor que a educação considere o homem como um ser que pensa, sente e age com outros em um meio social. Foi uma tentativa de ultrapassar a simples apreciação da arte e desenvolver a consciência estética. Esta "compreende justamente uma atitude mais harmoniosa e equilibrada perante o mundo, em que os sentimentos, a imaginação e a razão se integram, em que os sentidos e valores dados à vida são assumidos no agir cotidiano".⁵

2. ESTUDO TEÓRICO DA EDUCAÇÃO E A INSERÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Esta parte teórica do trabalho têm por objetivo refletir sobre a educação escolar, quais as funções da escola, o conceito de arte e como ela pode ser inserida dentro da prática pedagógica.

Para isto pretende-se mostrar as mudanças ocorridas na escola, decorrentes principalmente de modificações nas seguintes instituições sociais: a família e o trabalho.

Em primeiro lugar considerem-se as transformações ocorridas na família. Antes da revolução industrial, a família era também uma unidade de trabalho, de produção. O pai tinha seu ofício e a mãe cuidava das tarefas domésticas. Com o pai, o filho se iniciava no treinamento para o trabalho, enquanto que a filha, junto à mãe, adquiria as habilidades consideradas necessárias ao desempenho de seu futuro papel de mulher. Assim a família além da unidade de trabalho, tinha uma função de ensino ocupacional.

Com o advento da revolução industrial, a família foi perdendo seu lugar como instituição produtiva da sociedade. As atividades de trabalho foram retiradas da família. O pai assumiu funções em organizações e a mãe passou a trabalhar fora ou deixou de executar os serviços domésticos. Os filhos ficaram à margem do trabalho.

Neste novo contexto, a relação com a atividade profissional é tão forte, que os amigos não são mais os vizinhos, mas sim os colegas de trabalho; as festas congregando os colegas de trabalho substituíram as reuniões de família e vizinhança. Aos poucos a vida social vai excluindo gradativamente a presença das crianças. Contudo, as reuniões em família ainda acontecem, embora com pouca frequência.

No trabalho houve também mudanças significativas. As pequenas organizações cresceram e as práticas informais foram substituídas pelas formais. Passou-se a exigir para contratação do empregado, currículo, experiência profissional, nível de instrução, tempo integral disponível, cumprimento de horários rígidos, etc. A admissão foi se tornando um processo mais impessoal. Estas exigências foram excluindo os jovens de atividades profissionais.

Hoje, sem base institucional, o jovem foi marginalizado das atividades produtivas para se tornar apenas um estudante. Ou, se inserido no mundo do trabalho, afasta-se da escola, o que é comum, principalmente nas classes mais pobres da sociedade.

Como se comportou a escola neste processo de mudança? Primeiro a escola desempenhava função complementar e auxiliar da

família. Ela preocupava-se com o aspecto cognitivo dos educandos, ou seja, ensinava fundamentalmente a ler, escrever e contar; e digase de passagem, fazia isto muito bem.

Com as modificações na família e no trabalho, a escola assumiu também o treinamento ocupacional (preparação dos jovens para o exercício das diversas profissões), ampliou seus conteúdos que compreendem desde a apreciação da música ao estudo de moral e civismo. A escola passou a se preocupar também com o aspecto afetivo.

Neste contexto, a função de estudante ocupa a maior parte da vida dos jovens. Ela consiste numa contínua preparação para a ação, mas de forma passiva, teórica (alguém "dizendo" como fazer). Com isto o estudante vai tornando-se acomodado, dependente e improdutivo.

Estas reflexões levam à questão da educação escolar. Inicialmente, educação escolar podia ser confundida com escolaridade, visto que a maior parte da formação da pessoa ocorria fora da escola, de maneira informal, através do trabalho com os pais. As crianças aprendiam a ser responsáveis perante os outros, consigo mesmas e nas atividades desempenhadas. Estas atribuições educacionais, outrora inerentes à família e ao trabalho, foram transferidas desorganizadamente para a escola. É por esta razão que ela ainda não encontrou sua função atual.*

No momento defende-se que a escola precisa se preocupar com o desenvolvimento do ser humano integralmente, ou seja, considerando o que ele é: a sua consciência, o seu conhecimento, o seu sentimento e a interação e cooperação com os outros e o meio que o cerca.

Esta educação consiste num processo de construção e alteração da percepção da realidade. Interagindo consigo mesma, com os outros e o mundo, a pessoa conhece e compreende os muitos significados do real. A partir de suas vivências, extrai dos conceitos gerais, os específicos que nortearão a sua existência, favorecendo a criação de teorias e novos conhecimentos. O processo de ensino-aprendizagem consiste na articulação do novo com o já existente. O que se pretende ensinar precisa ter significado para o educando, senão a aprendizagem não ocorre.

O que se evidencia, entretanto, na educação escolar da atualidade, é a preocupação com a memorização: os conteúdos têm neces-

* Estas reflexões foram baseadas no artigo de James S. Coleman *How do the young become adults*, publicado no n.º 42 da *Review of Educational Research*, 1972.

sariamente que ser incorporados à mente do aprendiz, mesmo desprovidos de sentido (são “soltos no tempo e no espaço”). Na prática da escola atual o que importa é o produto e não o processo.

Educar não consiste em *formar* (pôr numa forma): é necessário ampliar e abordar a essência e plenitude da própria existência humana. Como plenitude e essência entende-se tudo o que integra o ser humano: suas crenças, sua cultura, seu modo de pensar, seu saber, sua história, sua experiência, suas convicções, suas atitudes, esperanças, expectativas, perspectivas e interrelações. Isto ocorre na medida em que a ação educativa procura integrar significativamente os três elementos básicos presentes no aqui e agora do processo de aprendizagem, isto é, *conhecimento, sentimento e ação*⁸, 11: o indivíduo que cresce em situações significativas ou integradas (do tipo CSA: conhecer, sentir e agir) é satisfeito e verdadeiro. É criativo, porque é si mesmo e, sendo si mesmo, está em condições de ajudar genuinamente o próximo, no âmbito de sua profissão. Por isto, toda atividade sem sentido para o aluno é proscrita; mas o aluno terá de revelar freqüentemente sua experiência e sua compreensão, ou seja: como vai integrando o que faz (A), o que sente (S) e o que conhece (C)”¹¹.

A fim de atingir estes propósitos sugere-se que o processo de ensino-aprendizagem utilize a arte. Isto só é possível porque a vida humana transcende o aspecto físico, visto que ela comporta um sentido, ou seja, ela é existência.

A arte abrange dois princípios importantes: o da forma, que “deriva da nossa opinião acerca do mundo orgânico e do aspecto universal de todos os objetos artísticos — e o princípio da criação, peculiar à mente humana, responsável pela apreciação e criação de símbolos, fantasias, mitos, etc. A forma é uma função da percepção; a criação da imaginação”¹².

A forma estética é o resultado da transformação de um dado conteúdo num todo independente: música, teatro, poema, etc. Diante de um determinado conteúdo compete ao artista decidir que forma irá usar. Já a criação é fruto da imaginação. A imaginação é o veículo através do qual o homem se desprende do universo meramente físico, para criar o mundo dos valores e dos significados. Pela imaginação o homem se afirma como um rebelde, negando o já existente e propondo o que ainda não existe. Este é o pressuposto de qualquer ato criativo. O ato de criar é profundamente inovador: visa transformar aquilo que é, naquilo que não é, tal como o deseja a imaginação. Ele é, portanto, essencialmente originário do sentimento, da intuição e não de operações puramente lógicas.

A arte pela arte expressa uma experiência sujeito/objeto articulando-o sempre. O objeto de arte só tem sentido quando há comunicação entre a expressão do artista e a sensibilidade do expectador/observador, revelando dimensões interditas e reprimidas da realidade. A transformação estética é oriunda da remodelação da linguagem, da percepção e da compreensão, de tal forma que a essência da realidade seja revelada.

O encontro com a verdade da arte acontece na imagem e linguagem distanciadoras, que tornam perceptível, visível e audível o que já não é ou ainda não é percebido, dito e ouvido na vida diária.

A arte instala-se em nosso mundo através da cultura que envolve os objetos: discurso, local, atitudes de admiração, etc. Ela e a cultura são aliadas, responsáveis pelo desenvolvimento da emoção e intuição humanas, raciocínio e atividade motora.

A função da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça. Pressupõe um esforço diante da cultura; exige um conjunto de relações e de eficiências muito mais complicadas, que evoluem com o tempo, envelhecem e se transformam nas mãos de cada artista.

Num primeiro momento a arte pode parecer supérflua, porém ela é portadora de sinais, de marcas deixadas pelo não racional coletivo, social, histórico e pessoal. Este processo se dá através da cultura. Construindo a cultura o homem concretiza seus valores, modificando o meio e também a si próprio. O mundo humano é, desta forma, a suplantação da simples dimensão física, que existe enquanto possibilidade: como um vir-a-ser.^{1, 2, 4, 9}

Feitas estas considerações gerais sobre a arte, resta refletir um pouco acerca de como ela pode ser inserida na prática pedagógica. A arte é um elemento fundamental para que, expressando sua realidade, o educando possa chegar a compreender a si próprio com os outros em um contexto social. A arte tem funções pedagógicas bem definidas. Compete a ela: a) desenvolver a educação dos sentimentos; b) dar oportunidade para sentir, pensar e vivenciar o que, de uma forma ou de outra está presente no cotidiano; c) ativar a imaginação, libertando-a da prisão que o pensamento rotineiro de certa forma lhe impõe; d) possibilitar a “visão de mundo” através da cultura de outros povos (tendo-se cuidado com a invasão cultural); e) propiciar o significado cultural da educação e f) favorecer o conhecimento do elemento utópico envolvido na criação artística (utopia, aqui, traduz a possibilidade de se fazer algo, em contraposição à aquiescência passiva).

A consecução destes objetivos é prejudicada por conceitos estereotipados da arte. Para a maioria das pessoas a arte é definida como: 1) um passatempo respeitável e relaxante; 2) tipo superior de decoração interna; 3) oportunidade de auto-expressão excêntrica; 4) desculpa para adotar um estilo mais livre de vida; 5) produto prestigioso de um tipo especial de pessoa (ou gênio), para deleite e admiração da humanidade.

A arte deve ser entendida como disciplina por si mesma e não como acessório de uma coisa qualquer. Ela é expressão e comunicação de sentimentos. É crucial que o currículo de arte considere: a) a natureza do educando (fator psicológico); b) a natureza da arte (teoria estética) e c) a instituição (política nacional, organização da escola, formação dos professores, funcionamento e presença de equipamentos e materiais, etc.).

Esta tentativa de utilização da arte como auxiliar do processo educativo tem sido denominada de arte-educação. Os objetivos da arte-educação devem centrar-se em: encontrar novos meios de entrosamento entre indivíduos; aprender novas habilidades; fazer opções; responder, acatar ou rejeitar estímulos externos; realizar experiências com o potencial de novos materiais; descobrir maneiras novas de utilizar materiais antigos (sucata); relacionar-se de maneira pessoal e coletiva com o meio externo e cultivar a percepção individual. Em suma, trabalhar articulando as três dimensões artísticas: a) Arte-estratégia — vinculando a arte aos conteúdos curriculares do estabelecimento de ensino; b) Arte-forma estética — estudando a arte através de suas diferentes formas (dança, música, escultura, pintura, teatro, literatura) e c) Arte-vida — relacionando a arte à vida pessoal e social do aprendiz.

A arte-educação se interessa pelo crescimento criativo do aluno e disso decorre que há aproveitamento quando o ser amplia sua experiência. O crescimento das habilidades técnicas é apenas um critério. O progresso do aluno é também evidenciado através da aquisição de sensibilidade à cor, ao modelo, à forma, à consciência do modo como operam os mecanismos, bem como o desenvolvimento da capacidade de criar imagens que combinem a significação pessoal com o poder de impressionar os outros.

Estas afirmações pressupõem duas coisas: 1) o que se deve medir é o desenvolvimento e a mudança e não uma situação estática, em um determinado momento em que se encontra o educando; 2) objetivos particulares para o ensino de arte, objetivos incorporados às idéias dos fundamentos lógicos-expressivos ou de apreciação, talvez

precisem ser modificados pela avaliação dos trabalhos de planejamento básico. Compete ao professor procurar ver a qualidade da resposta do educando perante o estímulo de uma situação imaginativa ou de um problema, e o grau do seu envolvimento durante a elaboração da resposta.

“Arte-educação não significa o treino para alguém se tornar artista. Ela pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educativo, considerando-o não apenas como transmissão simbólica do conhecimento, mas como um processo formativo do humano. Um processo que envolve um sentido para a vida, e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares”.⁵ A arte-educação possibilita a expressão do que o ser sente e percebe. É a partir daí que ele pode vir a aprender qualquer tipo de conhecimento construído por outros.^{3, 5, 6, 12}

Foi este o arcabouço teórico que norteou a prática pedagógica exposta a seguir, que não pretende ser “modelo”, mas relato de uma experiência em busca da organização educacional.

3. PROJETO PRÓ-DOCENTE RURAL

O Pró-Docente Rural é um projeto de extensão, ensino e pesquisa, sob a responsabilidade da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC-PREX), e coordenado pela Faculdade de Educação desta Universidade (FACED).

Neste projeto participaram professores e estudantes universitários dos diversos ramos de licenciatura e bacharelado da UFC. Seu objetivo era capacitar docentes para o ensino de 1.º grau no meio rural, ressaltando o domínio do saber (o que ensinar) e os procedimentos didáticos (como ensinar).

No decorrer do ano de 1988, o Pró-Docente Rural oferecia os seguintes cursos: a) capacitação de professores leigos nas áreas de português, matemática, estudos sociais e ciências; b) ação supervisora (destinado aos supervisores de escolas) e c) arte e educação para os professores de 1.º grau.

Estas atividades realizavam-se aos sábados, de 7 às 11 horas, na cidade de Caucaia-CE.

O curso de Arte-Educação, objeto de estudo do presente trabalho, foi coordenado pela aluna Josemeire M. Silveira de Melo e supervisionado pelas professoras Lourdinha Brandão e Maria Izaíra Silvino de Moraes.

Eis o plano de curso desenvolvido no decorrer do ano letivo de 1988.

Os objetivos propostos para o curso de Arte-Educação foram: a) desenvolver a criatividade, percepção, criticidade, desinibição, sensibilidade, percepção, entrosamento e concentração; b) trabalhar a arte como estratégia pedagógica abordando os vários ramos do conhecimento humano — português, matemática, estudos sociais e ciências e c) vincular arte à vida e à cultura da região onde estão inseridas as alunas. Estes objetivos tinham como finalidade, favorecer o conhecimento do *eu-com-os-outros-no-mundo*.

O curso possuía como conteúdo programático: a) o estudo do conceito de arte; b) análise da presença da arte nas escolas; c) noções básicas das artes cênicas (dança e teatro), sonoras (música), plásticas (pintura e escultura) e literárias (poema e texto).

Os recursos didáticos utilizados em sala de aula para auxiliar na consecução dos objetivos foram: material de sucata, cola, tesoura, giz, lousa, fita gomada, caneta pilot, tintas guache para papel, papel ofício, lápis de cor e grampeador.

Foram considerados os seguintes fatores na avaliação das alunas: a) participação nas atividades em sala de aula; b) anotações contidas nos cadernos-diários das educandas; c) produções individuais e coletivas; d) *feedbacks* orais e escritos; e) auto-avaliação; f) atividades extra-classe (nas escolas onde lecionavam) e g) participação nas experiências integradas com as demais ações do Pró-Docente Rural (Momentos Culturais).

Os participantes do curso foram em número de 60, todos do sexo feminino e na faixa etária de 12 a 65 anos. Foram criadas 3 turmas, divididas segundo a região a que pertenciam: Turma A — serra, Turma B — Caucacia/centro e Turma C — praia. Duas estagiárias responsabilizaram-se por cada turma. Elas haviam sido aprovadas após um teste de seleção cujos critérios foram: conclusão da disciplina de arte-educação, oferecida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e boa classificação no histórico escolar.

O modo como o curso se processou vem expresso a seguir.

As reuniões para planejamento global das atividades foram em número de 3, com duração de 3 horas cada uma, com a presença da coordenadora, supervisoras e estagiárias da área de Arte-Educação.

O plano de curso sofreu alterações após a coleta e análise das expectativas das alunas. Estes dados foram adquiridos através de entrevista, por ocasião do primeiro encontro em sala de aula. As turmas, em sua grande maioria, esperavam que o curso fosse de

transmissão de “como fazer” e apresentação de “modelinhos” de atividades.

Determinou-se então que o primeiro semestre comportaria, predominantemente, atividades que despertassem a criatividade, desinibição, entrosamento, bem como a descoberta do potencial artístico inerente a cada uma. Convém salientar que neste primeiro momento se incitaria a descoberta do ser de cada uma. A ênfase não seria dada às atividades desenvolvidas mas à capacidade de desenvolvimento pessoal decorrente delas. No segundo semestre o enfoque seria dado ao aspecto técnico, ou seja, regras básicas e fundamentais das formas artísticas (dança, teatro, música, pintura, escultura, poema/texto).

Eis o que foi trabalhado no primeiro semestre. Os trabalhos de criatividade iniciaram-se no primeiro dia de aula, com a confecção dos cadernos-diários pelas educandas. Eles deveriam ser utilizados por elas com a finalidade de registrar as atividades realizadas em classe, assim como conter sugestões e opiniões pessoais acerca das tarefas executadas.

Esta atividade desenvolveu-se da seguinte maneira: as estagiárias organizaram as alunas presentes em 2 grupos:

— um de controle e outro experimental. No de controle foi determinado que as estudantes fossem para outra sala e copiassem um desenho expresso na lousa, para servir como capa do caderno delas. No experimental, as alunas deveriam fazer o desenho livre. Pretendia-se verificar, com isto, o nível de potencial criativo inativo.

Concluídos os desenhos, as 2 turmas juntas analisaram os objetivos da atividade. Do grupo de controle, 70% (21 alunas) gostaram de copiar o desenho, justificando que estavam ali “para aprender”. Contudo, observaram que nenhum dos desenhos havia sido fielmente transposto, em cada um encontrava-se algo de pessoal. Do grupo experimental, 30% (9 alunas) pediram para fazer a tarefa em casa; 37% (11 alunas) quiseram copiar a idéia da colega; 17% (5 alunas) pediram para fazer uma réplica das ilustrações que possuíam.

Discutiu-se sobre a necessidade que o ser humano tem de criar; a importância da descoberta e da invenção para se adquirir independência pessoal e social. Os conceitos de arte e artesanato foram abordados com o auxílio de uma música (“Aquarela”, de Toquinho). Falou-se então que a música, como as demais formas artísticas, poderia ser utilizada como estratégia pedagógica, facilitando a aprendizagem. Abordou-se também a presença da música na vida das pessoas — a dimensão espaço-temporal própria de cada um. Executou-se este trabalho em um sábado.

Outra atividade deste primeiro período, compreendeu um processo denominado "colagem". Ele consiste na criação de uma frase sobre qualquer assunto, por cada participante. Em seguida formam-se grupos cujas frases contêm a mesma temática. A partir daí, cada equipe transforma os períodos em textos, depois em poema, musicaliza, dança, dramatiza, pinta e esculpe, com a participação de todos os integrantes. Este foi o primeiro contato da turma com as formas artísticas, desenvolvido em 4 sábados.

Conversou-se sobre a distinção e interrelação das formas artísticas, como explorar um tema em sala de aula de maneira prazerosa (brincando se aprende) e da responsabilidade de cada membro num trabalho de equipe.

A "colagem" foi novamente utilizada, mas empregando um assunto comum a todas as equipes. Cada aluna realizou uma pesquisa acerca da cultura da região onde morava. Observou-se, após a leitura oral em sala de aula dos dados obtidos, que a grande maioria das educandas não sabia o que significava *cultura*. Discutiu-se este conceito e os trabalhos foram refeitos em classe, verbalmente. Analisou-se a importância da cultura na vida das pessoas e na sociedade; a presença do preconceito; a discriminação de sexo; a dependência econômica e cultural do país; o êxodo rural; a seca; a violência. Estas atividades estenderam-se por 6 sábados.

A fim de divulgar estas criações, decidiu-se editar um jornal: "Cantinho da Arte" — título escolhido por votação. Nele também constariam passatempos; poemas, músicas e poesias de artistas cearenses (esta coluna era lida, interpretada e cantada em sala de aula) e informes das localidades onde as alunas residiam. Conseguiu-se também a cooperação de professores da FAGED-UFC, para responder às indagações das estudantes sobre assuntos pertinentes à profissão e à vida delas. Estes jornais circulavam uma vez por mês e eram distribuídos para todas as turmas do Pró-Docente Rural.

Destinavam-se 40 minutos finais de cada encontro, para a realização de brincadeiras que favorecessem o desenvolvimento da percepção auditiva, visual, tátil e sobretudo a percepção do outro. Após a execução, identificavam-se os objetivos e finalidades dos exercícios. Os 5 minutos restantes para o término da aula, eram reservados para a avaliação da manhã (como cada uma se sentiu, sugestões e esclarecimentos).

Uma vez por mês os cadernos-diários eram recolhidos e avaliados. Verificava-se o nível de aprendizagem e de desenvolvimento do potencial criativo. Muitas vezes os planos diários sofriam alterações em decorrência de assuntos que necessitavam ser retomados.

Na avaliação semestral conversou-se sobre a importância da arte na vida e na escola.

O final do primeiro semestre culminou com a realização, numa manhã de sábado, de um *momento cultural*, cuja meta consistia em integrar e divulgar a arte, para as turmas do Pró-Docente Rural. Foram oferecidas 4 oficinas (laboratório de atividades afins: 1) música; 2) teatro; 3) dança e 4) pintura. A temática utilizada pelas turmas foi Trabalho/Profissão. Procedeu-se nas oficinas da seguinte maneira: a) desenvolveram-se exercícios pertinentes à percepção dos sentidos mais necessários a determinada forma artística (na música exercitou-se a audição; na dança o corpo; na pintura a visão e no teatro o tato); b) discutiu-se sobre a temática trabalho; c) criou-se a forma artística respectiva de cada turma, utilizando o assunto supracitado; d) identificou-se a importância da arte no dia-a-dia: esboço (desenho), maneira de se dirigir às pessoas (teatro); modo de caminhar (dança), etc.

O segundo semestre assumiu a forma de oficinas (laboratórios de aprofundamento), a saber: a) música e dança, b) escultura e pintura e c) teatro e poema. Cada oficina acima descrita foi trabalhada nas 3 turmas durante 4 sábados. Passado este prazo, as alunas se deslocavam para as outras áreas de arte, até que concluíssem os 3 grupos artísticos. Este rodízio realizado pelas turmas compreendeu 12 sábados.

O conteúdo das oficinas foi o seguinte: 1) Música-estudo de ritmo/tempo, exercícios para desenvolver a percepção auditiva, conceito de melodia, descoberta da musicalidade corporal, canto coral, análise das cantigas da região das alunas, criação de bandinha, confecção de instrumentos com material de sucata, noções básicas de música e definição de música; 2) Dança: noções de espaço, trabalho com expressão corporal, análise das danças típicas das regiões das alunas, confecção de vestimentas com material de sucata e definição de dança; 3) Teatro: atividades com expressão corporal, estudos de alguns tipos de teatro (fantoche, mímica, falado, sombras, etc.); montagem de cenários com sucata, noções de teatro e conceito de teatro; 4) Poema: estudo de texto/poema/poesia; 5) Pintura: confecção de tinta, estudo das cores, noções e definição de pintura; 6) Escultura: análise das várias maneiras de esculpir — com barro, areia, sabão, vela, massa de modelar caseira —, confecção de brinquedos e material didático a partir de sucata, noções e definição de escultura.

Estas atividades centraram-se mais no aspecto técnico do que no de criatividade.

Com a crescente confiança no grupo, destinou-se 30 minutos de cada aula para as alunas falarem de assuntos tais como: educação, religião, morte, relacionamento familiar, rivalidade entre os seres humanos, política e economia. Este tempo foi substituído nos últimos 5 sábados do semestre, para a realização de atividades que aguçassem a percepção de pessoa. Constituíram-se de jogos como: o "olho no olho" — consiste em 'ler' nos olhos de cada colega, a mensagem que ele quer transmitir; o "desenho de si mesma" — a auto-imagem de cada um; "berlinda" — momento de escutar o que o outro tem a dizer de sua vida. Conversou-se ao final destes exercícios, sobre a necessidade de cada pessoa se amar, se respeitar, ser autêntica e que era desta forma que o relacionamento com o outro assumiria um caráter fraternal.

O Pró-Docente Rural promoveu uma visita das alunas de Arte-Educação/Caucaia à FACED-UFC. Utilizando a temática "Educação", elas pintaram o muro da faculdade. Em seguida, realizaram uma apresentação de suas produções para as alunas de Arte-Educação do curso de Pedagogia. Na ocasião, deu-se início à programação elaborada pela Faculdade de Educação, com a apresentação dos corais da UFC e da FACED, palestra sobre o teatro de bonecos/fantoches e discurso acerca da importância da arte no Pró-Docente Rural.

No último dia letivo realizou-se o II Sábado Cultural, cujo tema foi "Educação e Saúde". A programação constou de um painel com médicos, agentes de saúde e professores da comunidade de Caucaia. Depois foi exibido o filme do I Sábado Cultural. O encontro terminou com a exposição dos objetos artísticos para os demais alunos do Pró-Docente.

A metodologia que norteou este curso foi a Metodologia da Compreensão Existencial, criada pelo professor Leonel C. Pinto, Livre Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

Esta metodologia estuda o ser como um *todo*, intentando ao conhecimento profundo do próprio ser que se é: só sendo, a pessoa é capaz de ultrapassar-se. Ela trabalha com as dimensões CSA (conhecimento, sentimento e ação), que são instâncias psíquicas inerentes ao ser humano. Elas enfocam respectivamente, a lógica, a psicología e a lógica da ação. Portanto, CSA aceita completamente a subjetividade, visto que o saber vivencial é anterior ao teórico e prático.

O fundamental é não buscar a homogeneidade, mas sim compreender que cada ser é único. Logo, o homem não pode ser analisado como mero objeto: deve ser *compreendido* e não *explicado*.

A importância e relevância do método consiste na possibilidade de se fazer algo no aqui-agora. Isto é possível através da utilização dos Psicomovimentos (10 movimentos do método compreensivo e existencial): 1) Ativar a Experiência Prévia; 2) Dar-se Conta; 3) Ir "às Coisas Mesmas"; 4) Variar Sistemáticamente; 5) Retomar e fazer Retomar as Representações; 6) Integração do Conhecimento, Sentimento e Ação; 7) Positivar o Difícil; 8) Análise da Linguagem; 9) Ênfase no Como e Para que; 10) Deixar Fruir.¹¹

Utilizaram-se neste curso os Psicomovimentos, mas não se fez alusão a eles em sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem, visto que o tempo foi insuficiente para a realização desta explanação.

O conhecimento, o sentimento e a ação predominaram respectivamente nos momentos da aprendizagem das noções básicas das formas artísticas; no desenvolvimento da criatividade, percepção, entrosamento, sensibilidade, etc., e na aplicação destes elementos na vida profissional de cada aluna.

4. AVALIAÇÃO DO CURSO DE ARTE-EDUCAÇÃO

O programa do curso de Arte e Educação em questão, foi avaliado sob dois aspectos: o aspecto cognitivo — que diz respeito ao ensino-aprendizagem das formas artísticas e das estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula —, e o aspecto afetivo — responsável pelo desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, entrosamento e desinibição. Com relação a ambos os aspectos, procurou-se apresentar evidências que demonstrassem a importância da atividade artística como estratégia auxiliar para a consecução dos objetivos desejados.

Estas evidências foram extraídas de 3 fontes, a saber: a) produções/obras artísticas; b) avaliações escritas das alunas/mestras e anotações contidas nos seus cadernos e c) diário de classe da estagiária autora do presente estudo.

Pela análise das produções das alunas, foi possível verificar, com relação ao aspecto cognitivo, a aprendizagem efetiva de conceitos e elementos básicos da música, poesia, pintura, teatro, dança e escultura. Além disto, utilizou-se a atividade artística como suporte no ensino de conteúdos curriculares pertinentes às disciplinas de português, matemática, estudos sociais e ciências.

Seguem alguns exemplos dos trabalhos realizados pelas alunas e que comprovam as afirmações feitas acima.

Exemplo 1. Texto elaborado pelas alunas da turma C e transformados posteriormente por elas, em poema.

“Cultura Praiana”

O trabalho é um dever que envolve todas as pessoas da comunidade. Sem o trabalho não podemos viver. O trabalho de varandas é muito importante. Tenho uma rede com lindas varandas.

Que pamonha gostosa! E a canjica também, pois são comidas típicas que todo mundo gosta. Representam a festa junina, que é uma festa tradicional.

Eu gosto muito das festas de arraial.

Eu gosto muito de brincar quadrilha. Vou brincar quadrilha.

A quadrilha além de pertencer ao folclore brasileiro, é uma dança característica da festa junina.

Gosto de dançar fricote, que é uma dança agitada.

Eu adoro forró.

Este texto gerou a poesia abaixo.

“Cultura Praiana”

O trabalho é a vida da comunidade.

O vento sopra nos galhos cheios da varanda

E traz o cheiro verde do milho

Que faz lembrar a doçura

Da canjica e da pamonha.

À distância ouço um som...

Não sei se é a dança quente do fricote

Ou o gostoso agarradinho do forró

Que lembram o amor e o xodó.

Venham conhecer a cultura praiana.

Convém salientar que além de trabalhar a arte como prosa/poema, este tema tornou-se música, foi dramatizado e dançado. Também inspiradas pelo texto, as alunas criaram obras de arte sob a forma de esculturas (bonecos, casas, comidas) e de pintura (reproduções de cenas do cotidiano).

Na transformação do texto em poesia, houve uma mudança qualitativa do discurso: de expressões denotativas para conotativas. Uma ilustração desta afirmação consiste na alteração da primeira frase do texto: “O trabalho é um dever que envolve todas as pessoas da comunidade” para “O trabalho é a vida da comunidade”. As

palavras vida, trabalho e comunidade estão presentes nos dois casos, mas o sentido destes termos modificou-se. O significado deles no texto, independe do sentido emprestado à frase, por cada leitor. No poema, ao contrário, eles são possuidores de significantes, que tornam possível dizer que a comunidade “tem vida”.

Verificou-se também que, num poema, é possível identificar e estudar conteúdos de português, matemática, estudos sociais e ciências. É o trabalho da arte como função pedagógica e como estratégia de ensino.

O exemplo a seguir mostra o resultado de uma pesquisa realizada pelas alunas da turma A, acerca da região onde residem (serra).

Exemplo 2. Poema criado pelas alunas da turma A, acerca da cultura da região onde residem.

“A História de Nossa Gente”

A minha comunidade

É rica na agricultura

E a carnaúba é um tipo

Para construir a cultura

A minha comunidade

É muito rica em carnaúba

A folha faz a casa

E o povo faz a cultura

No sertão do Muquém

O povo é trabalhador

E ganha seu alimento

Por ser um agricultor

Na minha localidade

O peixe tem valor

A dança que o povo gosta

É a dança do agricultor.

A partir deste poema, as alunas simularam (teatralizaram) aulas com as disciplinas e assuntos curriculares pertinentes à 4.ª série. Em português, trabalharam a concordância verbal — a conjugação dos verbos ser, fazer, ganhar, ter e gostar. A importância do peixe e de outros animais para a saúde do homem, foi o assunto tratado em ciências. A localização da cidade de Caucaia no estado do Ceará e no Brasil, constituiu-se na aula de estudos sociais. Em matemática propuseram tarefas com as quatro operações, utilizando produtos da agricultura do lugar.

Eis outro poema criado pela turma B (Caucaia/Centro).

Exemplo 3. Poema produzido pelas alunas da turma B, a partir da história de Caucaia.

“História de Caucaia”

Caucaia terra indígena
Devastada pelos homens brancos
Suas praias e terras são lindas
Caucaia sinônimo de beleza e avanço
Por trás de tanta beleza
Existe uma mancha negra
A exploração de seu povo
E em nome do progresso
Enfrenta a poluição
E em cada momento
Traz a sua destruição
E em cada esquina
Se vê o sofrimento do povo
Onde a sabedoria dos políticos
Retarda o progresso do povo.

Trabalho semelhante ao descrito anteriormente foi realizado com este poema. As alunas ministraram aulas de português — análise sintática: identificação do sujeito e predicado das orações; matemática — utilização das quatro operações envolvendo datas pertinentes à história da cidade de Caucaia; estudos sociais — a história de Caucaia até os dias atuais; ciências — as conseqüências da poluição.

Os exemplos até aqui apresentados demonstram a utilização da arte como estratégia auxiliar para o desenvolvimento da razão, da cognição. Entretanto, as discussões e atividades realizadas visavam também ao desenvolvimento das pessoas no domínio afetivo.

Estes objetivos foram trabalhados e até certo ponto atingidos, como se pode avaliar pelos trabalhos das alunas, apresentados a seguir.

Exemplo 1. Texto elaborado pelas alunas da turma C.

“Vida! Presente de Deus”.

O mundo é belo! O mundo é belo!
Há sempre um cantinho para amar
Há gente que gosta de sorrir
De viver, ou mesmo chorar
O sorriso entre lágrimas
É da vida uma beleza
A vida é um presente de Deus
E Deus foi quem fez a natureza.

Neste poema analisou-se a presença da crença religiosa, a importância e a necessidade de amar, as formas de exteriorização dos sentimentos, os conceitos Vida, Natureza e Mundo no cotidiano de cada participante.

Exemplo 2. Poema criado por uma equipe de alunas da turma A.

“A Natureza”

O dia se passou
e o sol adormeceu.
À noite uma leve brisa apareceu
trazendo alegria à natureza.
O vento balançava as árvores.
O mar, com suas ondas indo e voltando,
beijava a areia.
De repente, a brisa se transformou
em uma forte ventania.
As árvores e o mar começavam a se agitar.
Mas como a natureza se entende,
tudo se acalmou
e a noite passou tranquilamente.

Através deste poema, conversou-se sobre a relação homem-natureza: a dependência de um para com o outro. Esta obra artística também favoreceu a discussão acerca dos diferentes sentimentos do ser humano; ele que, como a natureza, enfrenta momentos de forte ventania...

Os trabalhos aqui apresentados, bem como os das outras formas artísticas que não estão expressas nestas páginas, só foram possíveis de ser realizados devido ao resgate do potencial criativo das alunas e da busca da descoberta de si mesmas com os outros, interagindo em um meio social. Estes objetivos foram trabalhados mediante o conhecimento, confiança e bom relacionamento de cada membro do grupo, proporcionando momentos de análise e reflexão sobre o curso e seus integrantes. As alunas permitiram que alguns de seus sentimentos fluíssem livremente, favorecendo o estudo e aprimoramento da percepção de pessoas e de fatos. Os dois textos a seguir, denotam a presença destes elementos descritos.

Exemplo 3. Texto poético criado por uma aluna do curso em questão.

“O Amigo”

O amigo abre o seu coração a todos os homens. Ele sente o desejo de abraçar a todos com um amor sem limites... E seu coração vai tomando a amplidão do infinito até que ele resume tudo numa só palavra: amor!... E todo o seu ser, toda a sua pessoa expressa uma só realidade: amar!

Exemplo 4. Criação literária de uma aluna do curso de Arte-Educação.

“A Terra”

A terra é muito importante
E deve o homem sempre estar constante
Cultivando e fazendo a plantação.
Pois é assim
Que a terra dá a produção,
Para toda a população
Que vive na face do chão.

Gosto bastante da criatura
Que trabalha na agricultura
Porque assim faz a fartura.
O homem que faz plantações
É uma pessoa que tem atividade
Ele trabalha tanto para o campo
Como para a cidade.

Uma segunda fonte de informações foi o questionário respondido pelas alunas, que objetivava uma avaliação do curso.

Este questionário será analisado sob os mesmos critérios utilizados no estudo das produções artísticas, a saber: aspectos cognitivos e afetivos, respectivamente.

As perguntas dirigidas às 30 educandas, que responderam ao questionário, foram abertas e em número de 4. Eis as indagações:

- A) O que você achou do curso?
- B) O que você aprendeu no curso?
- C) O que você achou das estagiárias?
- D) Sugestões.

A frequência das respostas foi a seguinte:

Pergunta A

1. ótimo	21
2. interessante	2
3. válido	2
4. proveitoso	2
5. importante	2
6. bom	1

Pergunta B

1. noções básicas de pintura, teatro, música, dança, poesia e escultura	19
2. trabalhar em sala de aula com as crianças	6
3. utilizar mais o potencial criativo	4
4. conviver; ter relações amigáveis com as pessoas	3
5. valorizar a vida	2
6. estudar em grupo	2
7. superar a minha inibição	1

Pergunta C

1. ótimas	22
2. amigas	5
3. competentes	3

Pergunta D

1. mais diversificação das formas artísticas estudadas (aperfeiçoamento) 16
2. permanência do curso no Pró-Docente para outras pessoas 1

A análise dos dados apresentados mostra o seguinte:

- a) A avaliação global do curso foi plenamente satisfatória, uma vez que não há nenhuma resposta negativa.
- b) Com relação ao aspecto cognitivo, 63% atestam ter aprendido as noções básicas das diferentes formas artísticas, o que vem em parte confirmar a análise feita a partir das produções.
- c) Quanto ao aspecto afetivo, os dados são inconclusivos.

Entretanto, uma análise dos depoimentos contidos nos questionários e nos cadernos de anotações de duas alunas, proporcionou evidências adicionais indicativas da consecução dos objetivos desejados, tanto na área cognitiva, quanto na afetiva.

Vejam-se por exemplo os depoimentos abaixo, referentes ao aspecto cognitivo (domínio dos elementos básicos da arte):

1. "Eu aprendi muita coisa como por exemplo a fazer pinturas, criar músicas, fazer poemas (...), a cantar em vários ritmos e dançar".
2. "Aprendi a fazer massa de modelar, a trabalhar com cerâmica".
3. "Aprendi muitas coisas que serviram, servem e vão servir: trabalho e confecção de fantoches, cantar em diferentes vozes, técnicas de pintura com material simples, criação com barro, diferentes tipos de relaxamento, criar poesia e colocar música".
4. "Eu aprendi que a arte é uma coisa muito boa. Aprendi também a dançar, cantar e pintar — coisas que eu jamais imaginaria".
5. "Aprendi muitas coisas que não sabia: colagens, músicas, danças e pintura. As danças foram importantes porque fazem parte da vida da mulher que mora lá fora no campo".
6. "Aprendi como criar música, como trabalhar com bonecos e como trabalhar com material de sucata".
7. "Aprendi coisas que não poderia aprender lá fora: pintura, teatro, música, etc".
8. "Aprendemos muitas coisas interessantes e de muita importância: trabalhar com barro, com bonecos, definir sons e usar cacarecos".

Observe-se agora, o que foi dito sobre a utilização das diversas artes como estratégia de ensino (manejo de classe):

1. "Achei muito importante o curso pois aprendi a lidar com as crianças".
2. "Gostei bastante do curso porque me fez crescer as idéias para trabalhar com as crianças".
3. "Achei um ótimo método de ensinar as crianças, ensinando pintura, teatro, dança, etc".
4. "Aprendi muita coisa que vou poder transmitir para o meu aluno".
5. "Eu achei o curso ótimo porque aprendi várias coisas que vou passar para os meus alunos".
6. "Eu achei muito importante o curso, pois aprendi a brincar, cantar, pintar, para melhor lidar com as crianças".
7. "Aprendi muita coisa que não sabia. Aprendi a lidar melhor com as crianças".
8. "A descoberta de novas cores através das cores primárias, foi uma experiência nova que me deu mais condições para trabalhar em sala de aula".

No que se refere ao aspecto afetivo, os depoimentos das alunas diferem dos dados apresentados que, como foi dito, são inconclusivos. A leitura destes depoimentos mostra que, pelo menos em parte, o curso produziu um crescimento pessoal. Encontram-se abaixo alguns depoimentos.

1. Depoimentos sobre o desenvolvimento da criatividade.

- a) "Todos nós temos capacidade para criar uma obra de arte, seja música, poema, pintura, escultura, etc".
- b) "As estagiárias chegaram e não foram logo dizendo o que fazer, e sim, davam uma parte e faziam com que a gente colocasse em prática. Faziam com que a gente trabalhasse com a mente".
- c) "Foi muito importante trabalhar com cacarecos. Isso me levou a muitos conhecimentos daquilo que eu não conhecia, ou seja, na aplicação de tanto trabalho belíssimo".
- d) "É muito bom a pessoa saber que pode criar coisas novas".
- e) "Achei a aula um barato porque tivemos oportunidade de desenvolver nossa criatividade. Se tivéssemos feito o desenho copiado, não teríamos expressado os nossos sentimentos".
- f) "Se a gente não criar, corre o risco de se anular".

2. Depoimentos sobre o desenvolvimento da sensibilidade.

- a) "O pouco tempo que eu achei (do curso) foi de não ter mais aquela oportunidade de estar perto das estagiárias, de podermos expressar nossas alegrias ao lado delas, quando aos sábados nos sentimos sós".
- b) "Este desenho está representando o que estou sentindo (dois corações — um maior contendo um outro menor). Quer dizer, no meio de tanta alegria, tanto amor, estão aparecendo problemas que me fazem ficar triste. Porém, como o desenho mostra, o amor é bem maior".
- c) "O trabalho de hoje de que mais gostei foi o relaxamento com os pés. Me senti muito bem fazendo esta atividade".
- d) "Através do desenho eu transmito o que realmente está acontecendo comigo".
- e) "Achei as tarefas de hoje super difíceis, pois existem dias em que nos sentimos presa a alguma coisa, ou melhor, a algum sentimento".
- f) "Foi um dia maravilhoso, pois ali junto a vocês, a manhã se torna um dia, e eu gosto de viver com gente alegre".

3. Depoimentos sobre o desenvolvimento do entrosamento.

- a) "Eu aprendi como conviver com as pessoas".
- b) "Aprendi que a minha participação foi de grande importância para as colegas porque, quando se trabalha em equipe, a participação de todas é importante".
- c) "Conheci pessoas muito divertidas; foi muito bom para mim, este curso. Fiz muitas amizades".
- d) "Rimos bastante com esta última atividade, mas o que eu gostei mais foi da participação de todas".
- e) "Gostei de trabalhar em equipe, receber opiniões dos colegas e também dar minhas opiniões".
- f) "Achei o curso uma maravilha, conheci pessoas maravilhosas, me senti feliz entre todas".
- g) "Eu gostaria que o curso continuasse como se todas nós fôssemos uma só família, participando, discutindo os problemas de cada uma, brincando, dialogando e conversando".

4. Depoimentos sobre o desenvolvimento da desinibição.

- a) "Eu aprendi muita coisa (...) como por exemplo a me expressar sem vergonha".

b) "No início achei meio chato e estava encabulada, porém depois passei a gostar do trabalho".

c) "Como me senti pintando e sendo pintada: — no início fiquei encabulada, mas depois me acostumei".

d) "Foi super difícil esta atividade pois me deixou tímida e fechada, mas superei sorrindo".

d) "Fiquei inibida no início porque pensei que não podia fazer".

Convém mencionar o testemunho da autora do presente estudo sobre esta experiência de Arte e Educação realizada em Caucaia-CE.

Os objetivos pertinentes ao aspecto cognitivo, aprender a dançar, cantar, dramatizar, esculpir, pintar e escrever textos e poemas, foram modestos e de certa forma fáceis de serem atingidos. A dificuldade existiu quando se tentou compreender as diferenças de cada forma artística. Por exemplo: a essência da música e o ritmo, que ao mesmo tempo está presente na dança, mas que não se constitui na sua essência.

Os objetivos ligados à afetividade foram introduzidos no curso, mas não lograram êxito pleno, porque são inerentes a um programa que perdurará por toda a vida do ser humano. Porém a autora registrou e observou algumas modificações que dão indícios de crescimento do aspecto em questão, como se vê abaixo.

O momento do curso era de criação, do encontro de cada uma consigo mesma, porque quando se cria, há uma revelação e liberação do que há de singular em cada ser. As aulas foram enriquecidas por muitos depoimentos e exemplos extraídos da história de vida das alunas. Isto demonstrou a confiança e entrosamento do grupo. O desenvolvimento do potencial criativo evidenciou-se quando, a princípio, realizavam cópias de modelos pré-estabelecidos, por ocasião da realização das atividades artísticas e, no final do primeiro semestre, já não as faziam.

A inibição das alunas diminuiu. A participação delas no início do curso era pouca, mas foram superando este problema de tal forma que, ao final do curso, realizaram apresentações de números artísticos criados por elas, na FACED.

Em todas as aulas eram discutidos assuntos relativos à arte, como desenvolvimento pessoal, como estratégia pedagógica e como estudo das formas artísticas. Cada um destes aspectos predominava sobre os outros, de acordo com as necessidades do momento.

Observou-se a cada sábado um maior interesse e compromisso das educandas, a ponto de ocorrerem casos como o de uma aluna que quase se afogou ao atravessar o rio de sua localidade, arriscando a

vida para assistir às aulas e o de uma outra que se ausentou do vélorio do pai para justificar a sua ausência junto às estagiárias.

Sentiu-se entre as estagiárias, um crescente senso de responsabilidade para com as educandas e para com o curso de maneira geral. Realizaram-se muitos estudos de aprofundamento dos conteúdos ministrados.

Esta experiência é a prova de que se pode fazer algo no aqui- agora. Foi um projeto pequeno que tinha como meta maior despertar nas educandas a necessidade de conhecerem o seu *eu-com-outros-no-mundo*. . . E esta busca é incessante.

5. CONCLUSÃO E SUGESTÕES

5.1 Conclusão

Eis as conclusões acerca deste curso de Arte-Educação:

a) Os objetivos cognitivos que visavam à aprendizagem das noções básicas de dança, música, pintura, poema, teatro e escultura, bem como a utilização destes conhecimentos como estratégia auxiliar no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, foram atingidos.

b) No aspecto afetivo, cuja meta era desenvolver a criatividade, a sensibilidade, entrosamento, criticidade, percepção é concentração, as evidências colhidas não são suficientes para se firmar que a meta pretendida tenha sido atingida.

5.2 Sugestões

A partir deste trabalho a autora elaborou algumas sugestões, a saber:

a) Documentar o trabalho por ocasião de sua realização. Assim, muitos dados obscuros teriam sido esclarecidos, através de questionários, entrevistas ou observações mais precisas.

b) Visitar as escolas onde atuam as educandas. As informações obtidas foram provenientes apenas dos depoimentos dados pelas alunas acerca da aplicação dos conteúdos aprendidos na sua atividade profissional.

c) Elevar o número de reuniões entre a equipe de estagiárias. Realizaram-se muitos encontros com as estagiárias e equipe coordenadora do projeto. Contudo, as reuniões deixaram muito a desejar. Elas deviam ter acontecido em média, uma vez por semana (ocorriam quinzenalmente). Por esta razão, muitas vezes não se sabia o que a outra turma estava estudando.

6. BIBLIOGRAFIA

1. BORDENAVE, Juan Díaz. *O que é Comunicação*. 11.ª ed., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.
2. COLI, Jorge. *O que é Arte*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
3. CROSS, Jack. *O Ensino de Arte nas Escolas*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1983.
4. DUARTE Jr., João Francisco. *Fundamentos Estéticos da Educação*. São Paulo, Ed. Cortez, 1981.
5. DUARTE Jr., João Francisco. *Por que Arte-Educação?* 5.ª ed., Campinas, Ed. Papirus, 1988. p. 69-73.
6. HOWARD, Walter. *A Música e a Criança*. São Paulo, Ed. Summus, 1984.
7. KIEFFER, Bruno. *Elementos da Linguagem Musical*. 2.ª ed., Porto Alegre, Ed. Movimentos/MEC, 1983.
8. LIMA, Lauro de Oliveira. *Mutações em Educação segundo McLuhan*. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1985.
9. MARCUSE, Herbert. *A Dimensão Estética*. São Paulo, Livraria Martins Ed., 1986.
10. MORAES, J. Jota. *O que é música*. 4.ª ed., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
11. PINTO, Leonel Correia. *Uma Tecnologia Educacional para o 'Modo Ser' no Ensino-Aprendizagem*. Fortaleza-CE, Coleção Documentos Universitários, n.º 15, Imprensa Universitária, 1984. p. 35.
12. SOUZA, Alcídio M. de. *Artes Plásticas na Escola*. 4.ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Bloch, 1973. p. 54.